

1

O maior inimigo dos finlandeses é a tristeza, a melancolia, uma apatia insondável. Ao longo de milhares de anos um pesar tem pairado sobre este povo infeliz, submetendo-o ao seu jugo e tornando assim a sua alma taciturna e sisuda. Tão arreigado é o pessimismo, que muitos finlandeses vêem na morte a única salvação para as suas angústias. A melancolia é um inimigo mais impiedoso que a União Soviética.

Apesar de tudo, os finlandeses são um povo de guerreiros. Não desistem. Rebelam-se vezes sem fim contra a tirania.

O solstício, no São João, é a festa da luz e da alegria no meio do Estio. Para os finlandeses, é como uma enorme batalha, em que juntos procuram vencer o sentimento lúgubre que os consome recorrendo a diversos meios. Logo na véspera, o povo fica em estado de alerta: não só os homens aptos para a guerra, mas também mulheres, crianças e velhos, todos se apressam para a frente de batalha. Nas margens dos milhares de lagos da Finlândia acendem-se fogueiras gigantes para expulsar as trevas. Nos mastros hasteiam-se estandartes azuis e brancos. Antes do combate, cinco milhões de guerreiros alimentam-se com suculentas salsichas e costeletas de porco. Sem hesitações, erguem os copos para se encorajar e, ao ritmo do acordeão, as tropas marcham a medir forças com a neurastenia, desafiando o seu poder numa luta imparável que dura toda a noite.

No tumulto das batalhas corpo a corpo, os dois sexos encontram-se e as fêmeas engravidam. Ao leme dos potentes barcos a motor, por todo o sistema lacustre, muitos audaciosos afogam-se na travessia dos lagos e dos braços de mar que procuram transpor. Às dezenas de milhares, vão caindo entre os amieiros e os tufos de urtigas. Inumeráveis são os actos de bravura e os sacrifícios heróicos. A alegria e a felicidade vencem, a

melancolia é posta em debandada e, pelo menos uma noite por ano, o povo goza a liberdade, tendo vencido pela força o sinistro déspota.

A manhã de São João despontou no Häme, nas margens do lago Ébrio. Ainda pairava no ar um leve cheiro a fumo, vestígio do combate nocturno: em honra do solstício, as fogueiras tinham ardido em todas as margens. Uma andorinha voou de bico aberto, rente às vagas, à caça de insectos. O tempo estava sereno e límpido, as pessoas dormiam. Só os pássaros ainda tinham força para cantar.

Um homem estava sentado sozinho nos degraus da sua casa de campo; na mão, uma garrafa de cerveja por abrir. Era o director Onni Rellonen. Tinha perto de cinquenta anos e arvorava no rosto a expressão mais lúgubre do cantão. Não fazia parte dos vencedores da batalha nocturna. Tinha ferimentos graves e não havia uma única enfermaria local onde o seu coração despedaçado pudesse receber os primeiros socorros.

Rellonen era um homem delgado, de estatura média, orelhas grandes e nariz comprido, de ponta avermelhada. Vestia uma camisa para o tempo quente e umas calças de bombazina.

Ao vê-lo, era possível imaginar que talvez já tivesse tido uma força explosiva escondida em si, mas agora nada restava. Estava cansado, vencido, abalado pela vida. As rugas do rosto e os poucos cabelos no alto da cabeça eram sinais comoventes, patéticos, da sua derrota face à dureza e à brevidade da vida.

Havia décadas que o director Onni Rellonen sofria de azia. Nas dobras dos seus intestinos começava a formar-se uma úlcera. As articulações estavam em bom estado, tal como os músculos, a não ser talvez uma ligeira moleza. Ao invés, o seu coração estava envolto em gordura e tinha uma batida pesada; presentemente, era um fardo desgastante, uma âncora de pedra e não uma fonte de vida. Podia temer-se que parasse a qualquer momento, paralisando-lhe o corpo, privando-o do seu fluido essencial e precipitando-o para a morte. Seria a triste desforra de um órgão interno esgotado sobre um homem que confiara inteiramente nele desde a nascença. Se o coração descansasse, por exemplo, durante cem batidas, para recuperar fôlego, tudo terminaria. Os milhões de batidas já efectuados perderiam o seu significado. Assim é a morte. Cada ano, milhares de finlandeses a experimentam. E, no fim de contas, ninguém regressa para contar qual é o seu efeito.

Na Primavera, Onni Rellonen começara a dar uma nova demão à fachada de madeira gasta da sua casa de campo, mas o trabalho ficara a

meio. A lata de tinta jazia junto à pedra da casa, e o pincel secara, ficando colado à tampa.

Onni Rellonen era um homem de negócios, às vezes designado como director. Atrás de si tinha muitos anos de espírito empreendedor, fervorosos êxitos iniciais, uma ascensão rápida no mundo da pequena indústria, um grupo de subalternos, contabilidade, dinheiro, actividades económicas. Trabalhara como empreiteiro de obras públicas nos anos 60 e até como fabricante de chapas finas, mas uma conjuntura desfavorável e alguns concorrentes gananciosos tinham levado à falência a empresa de Rellonen, Calha & Chapa. E esta falência não fora a última. Até tinham sido proferidas acusações de fraude. O último negócio que empreendera fora uma lavandaria automática. Nem isso resultara: actualmente todos os finlandeses tinham máquina de lavar e os outros não se preocupavam, de qualquer modo, em lavar a roupa. Os serviços da lavandaria não interessavam aos grandes hotéis nem aos barcos que sulcavam o Báltico, as encomendas passavam-lhe sob o nariz e iam parar às grandes lavandarias industriais. Era no secretismo dos gabinetes que se negociavam esses grandes negócios. Na Primavera, a falência batera-lhe novamente à porta. Desde aí, Onni Rellonen sofria de depressão profunda.

Os filhos já eram crescidos, o seu casamento estava em cacos. Quando às vezes se entusiasmava a planear um novo futuro e falava disso à mulher, ela já não lhe exprimia nenhum apoio.

— Ah, bom...

Era o seu único comentário, desolador, sem sentido. Não era um argumento contra, nem a favor, nada. Tudo parecia desesperado, sobretudo a vida em geral e particularmente a vida económica.

Desde o Inverno que o director Rellonen matutava no suicídio. Não era a primeira vez. O seu gosto de viver já conhecera altos e baixos, e a depressão que o trabalhava voltava de novo contra ele a sua agressividade. Já na Primavera teria posto termo aos seus dias, aquando da bancarota da lavandaria, mas até para isso a sua vontade fora demasiado fraca.

Neste dia de São João, a mulher estava na cidade, dissera que não queria estragar a festa passando-a no campo com um homem depressivo. Fora uma véspera de São João solitária, sem fogueira, sem companhia, sem futuro, sem nada para alegrar o ânimo.

Onni Rellonen pousou a garrafa de cerveja no degrau e entrou em casa; remexeu na gaveta da cómoda do quarto de dormir e tirou de lá um revólver, carregou-o e enfiou-o no bolso das calças de bombazina.

«Bom, vamos lá», pensou, melancólico, mas determinado.

Pela primeira vez há muito tempo tinha a impressão de fazer qualquer coisa, de imprimir um pouco de movimento à sua vida. Era altura de pôr ponto final numa sucessão apática de coisas insignificantes. Um grande ponto final, um clamoroso ponto de exclamação!

O director Onni Rellonen começou a andar pela paisagem risonha à volta da aldeia do Häme. Foi por caminhos de terra batida acompanhado pelo chilrear dos pássaros, seguiu o carreiro que serpenteava entre as casas, passou pela do vizinho, cortou através dos prados, contornando um celeiro, um hangar e uma quinta. No final de um trilho do bosque, estendia-se outro prado. Lembrou-se que na orla do bosque havia um velho celeiro abandonado. Aí poderia matar-se, era um lugar calmo, o cenário adequado para acabar com os seus dias.

Não devia ter deixado uma carta de despedida em cima da mesa? Mas o que poderia ter escrito? Adeus, queridos filhos, fiquem bem, o pai tomou a sua decisão...? Não fiques zangada comigo, mulher...?

Onni Rellonen imaginou a reacção da mulher ao ler uma tal carta de despedida. Talvez dissesse apenas:

— Ah, bom...

O prado cheirava à formosa flor do feno: o lavrador cortara ração fresca no dia anterior. Os camponeses trabalham até na véspera do solstício; as vacas a isso obrigam. Ouvia-se o zumbir das moscas e o canto das andorinhas no telhado do velho celeiro. Do lago, chegavam os gritos das gaivotas. De coração gelado, Onni Rellonen dirigiu-se para o celeiro, uma velha construção de madeira cinzenta que ninguém queria para nada, a não ser ele, para pôr termo à vida. Aproximou-se e viu-se frente ao celeiro demasiado depressa, os últimos momentos da sua vida anunciavam-se mais breves que previsto.

Onni Rellonen não foi capaz de entrar logo pelas enormes portas escancaradas. A entrada esperava por ele como uma negra garganta infernal. Sem querer, começou a prolongar a vida, decidiu dar uma volta pelo edifício, como um animal ferido no reconhecimento do melhor lugar para o leito derradeiro. Espreitou para dentro, pelas fendas dos toros carunchosos e arrepiou-se. Mas a sua decisão estava tomada, tinha de dar a volta ao celeiro e entrar, lançar-se nos braços da morte, carregar no gatilho. Uma minúscula pressão, um último gesto e o saldo, o derradeiro saldo da vida e da morte, voltaria à estaca zero. Sentia calafrios.

Mas estava alguém dentro do celeiro! Entre os toros, viu mexer-se um vulto cinzento, que resmoneava. Seria uma rena? Um homem? O seu coração cansado bateu de felicidade. Poderia alguém suicidar-se num ce-

leiro onde está um animal ou, melhor ainda, uma pessoa? Não! Não seria nada elegante.

Era um homem alto que estava ali, com um uniforme militar cinzento, empoleirado por cima de um monte de estacas, ocupado a atar uma corda de *nylon* azul numa viga do tecto, que não tardou a ficar solidamente presa.

O militar estava voltado de perfil para o candidato ao suicídio, que o espreitava pelos interstícios entre os toros. Pelas tiras amarelas nas costuras das calças de campanha, Onni percebeu que o homem era um oficial do exército. A farda estava desabotoada e no brasão do colarinho viam-se três rosetas. Um coronel.

A princípio, o director Onni Rellonen não percebeu que raio poderia fazer um coronel naquele velho celeiro, numa manhã de São João. Por que razão prendera uma corda de *nylon* a uma viga? Mas em breve ficou esclarecido. O coronel começou a fazer um nó correção na outra extremidade da corda. Era uma corda bastante escorregadia, como todas as cordas sintéticas, e a operação era delicada. O coronel deixou escapar um resmungo abafado, talvez um palavrão. As pernas tremiam-lhe por cima do monte de estacas, via-se pelas bainhas das calças. Por fim, o oficial conseguiu uma espécie de laço e pô-lo à volta do pescoço. Não trazia nada na cabeça. Um militar que passeia sem boné é sempre de mau augúrio. Estava a suicidar-se, oh meu deus... como o mundo é pequeno, valha-me deus, pensava Onni Rellonen. Pensar que dois finlandeses entram no mesmo celeiro, ao mesmo tempo, e animados pelo mesmo propósito cruel!

O director Onni Rellonen apressou-se para a entrada do celeiro e gritou:

— Pare, infeliz! Por favor, senhor coronel!

O coronel apanhou um susto de morte. Perdeu o equilíbrio, o nó apertou-lhe a garganta, durante um momento debateu-se na extremidade da corda e teria certamente acabado enforcado se o homem de negócios não tivesse chegado a tempo. Levantou o coronel ao colo e desapertou a corda. Depois deu-lhe umas palmadas nas costas, para o reconfortar. O rosto do oficial estava suado e azulado, a corda tivera tempo para o apertar selvaticamente. Onni Rellonen libertou o suicida da sua força e fê-lo sentar-se no solo do celeiro. O homem respirava com dificuldade e massajava o pescoço, onde se via um vergão vermelho. Estivera prestes a perder a vida.

Ficaram sentados um minuto, sem dizer nada.

Depois o coronel levantou-se, estendeu a mão e apresentou-se: